

FENOMENOLOGIA NATURALIZADA E NEUROFENOMENOLOGIA DA AFETIVIDADE

Marcelo Vieira Lopes

PPGFil – Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: Apresento neste trabalho as linhas gerais dos desenvolvimentos metodológicos operados na fenomenologia contemporânea a partir do crescente processo de naturalização. Naturalizar a fenomenologia corresponde à interação de descrições fenomenológicas tradicionais com as descrições oriundas das ciências naturais. Em um primeiro momento apresento as variações metodológicas derivadas dessa interação e os resultados já consolidados na literatura. Posteriormente caracterizo de maneira mais precisa o projeto da *neurofenomenologia* e apresento algumas contribuições relativas ao estudo da afetividade tendo como pano de fundo a compreensão desse fenômeno em termos enativistas. Chamo atenção, em particular, para um tipo de fenômeno afetivo específico, os sentimentos corporais de tipo existencial. Será possível, assim, apresentar uma avaliação de ordem metodológica relativa ao modo de acesso e descrição desses fenômenos, assumindo como ponto de partida a ideia neurofenomenológica de *restrições mútuas* entre os níveis de descrição.

Palavras-chave: Fenomenologia, Metodologia, Neurofenomenologia, Enativismo, Afetividade.

Abstract: In this paper I present the methodological developments in contemporary phenomenology from the recent engagement in the process of naturalization. Naturalizing phenomenology corresponds to the interaction of traditional phenomenological descriptions with those of natural sciences. In the first place, I present the methodological variations derived from this interaction and the results consolidated in the literature. Next, I characterize the project of *neurophenomenology* and present some contributions for the study of affectivity against the background of *enativism*. I draw attention, in particular, to a type of specific affective phenomenon, *existential feelings*. Thus, it will be possible to present a methodological evaluation regarding the access and description of these phenomena, taking as a starting point the *neurophenomenological* idea of *mutual restrictions* between the levels of description.

Keywords: Phenomenology, Methodology, Neurophenomenology, Enativism, Affectivity.

1. Introdução: Fenomenologia e Método Fenomenológico

O movimento fenomenológico tem seu início com a obra seminal de Edmund Husserl na virada do século XIX para o XX como um método de descrição dos fenômenos que se apresentam para o sujeito. Através do recurso descritivo em primeira pessoa pretende-se identificar as camadas estruturais da consciência, tais como pensamento, percepção, imaginação, memória, emoção, corporeidade, etc., unificadas sob a perspectiva do traço intencional da

consciência, cujo aspecto fundamental consiste no direcionamento de nossos estados mentais para as coisas no mundo. Investigar os fenômenos significa, assim, investigar os lastros que determinam e condicionam a experiência em geral através da identificação de seus aspectos estruturais.

Ao reclamar a fundamentalidade da consciência e seu estatuto constitutivo, o programa fenomenológico iniciado por Husserl considerou como tarefa inicial fornecer a fundação epistemológica das ciências através da contribuição cognitiva do sujeito do conhecimento (GALLAGHER & ZAHAVI, 2012, p. 24). A ciência imersa na assunção realista de suas práticas cotidianas, absorvida em seus objetos de estudo, visa descrevê-los de maneira objetiva e imparcial, de um ponto de vista em terceira pessoa. Dito de outro modo, a ciência não reflete sobre a dependência constitutiva do campo da consciência e, dessa forma, ignora suas pressuposições e condições de possibilidade. Por outro lado e de maneira similar à prática científica, o empreendimento fenomenológico, ainda que adote uma perspectiva distinta, em primeira pessoa visa, tal como qualquer outro método científico, evitar abordagens subjetivistas e tendenciosas. A abordagem da *experiência subjetiva*, desempenhada pela fenomenologia não deve, portanto, se confundir com uma abordagem *subjetiva da experiência* (GALLAGHER & ZAHAVI, 2012, p. 21). De maneira análoga ao procedimento científico, a fenomenologia apresenta uma série de passos metódicos na busca de uma descrição fiel de seu objeto de estudo, ao mesmo tempo passível de validação intersubjetiva. Há, enfim, talvez mais similitudes entre as ciências empíricas e a fenomenologia do que diferenças inconciliáveis. Dentre as similaridades entre fenomenologia e ciência está a preocupação com o estabelecimento de um método específico.

Um dos primeiros passos requeridos na descrição fenomenológica é a chamada *epoché* ou suspensão da atitude natural. Essa mudança de atitude impede a aceitação ingênua das crenças derivadas do realismo de senso comum, bem como o endosso de hipóteses especulativas sobre a natureza da realidade. Praticar a *epoché* implica, assim, uma mudança de atitude em relação à realidade, em que se opera a suspensão da atitude ingênua de tomar por certo o mundo e seus objetos ignorando a contribuição da consciência (GALLAGHER & ZAHAVI, 2012, p. 25). Este procedimento indica, por fim, que nossa apreensão cognitiva da realidade implica mais do que um mero espelhamento de um mundo pré-existente. Ao suspender as assunções naturais e corriqueiras, se nos aparece a consciência como condição de possibilidade para a manifestação de algo enquanto objeto.

Da mesma forma, a *redução fenomenológica* aponta para a interdependência entre as estruturas da subjetividade e os modos específicos

de aparição de seus correlatos objetivos. Trata-se de um movimento reflexivo que parte de uma imersão não examinada no mundo e reconduz à forma em que este se nos manifesta (GALLAGHER & ZAHAVI, 2012, p. 27). Ao examinar fenomenologicamente o modo em que percebemos, julgamos, sentimos, etc., é possível atingir as estruturas experienciais e os objetos correlatos a esses tipos de aparecimento. Somos levados, assim, dos atos de *apresentação* (percepção, juízo, sentimento) ao sujeito que experiencia, em relação a quem o objeto, enquanto fenômeno deve ser elucidado. Esta dimensão constitutiva da consciência apresenta a forma em que o mundo pode se revelar e articular. Também é importante notar o contraste com a abordagem científico-natural, que entende a consciência como um tipo de objeto no interior do mundo, seja de ordem física ou psíquica (GALLAGHER & ZAHAVI, 2012, p. 28; ROY ET AL. 1999.). Ao contrário, a fenomenologia está interessada na própria possibilidade e estrutura da fenomenalidade, isto é, no aparecer dos objetos para a consciência que, portanto, não se confunde com um objeto, mas é a própria condição de manifestação de objetos no mundo.

Ainda que se considere a importância da dimensão constituinte da consciência de um ponto de vista da primeira pessoa, é importante reconhecer que tais descrições visam fornecer um enquadramento intersubjetivamente acessível, a partir do qual estas análises estejam abertas a correção e controle. O empreendimento fenomenológico, tal qual a prática científica, não é um empreendimento solitário. As descrições fenomenológicas permitem, assim, uma corroboração intersubjetiva, o que implica na necessidade de comparação entre uma determinada descrição com descrições de outros fenomenólogos.¹

Após essa breve descrição de alguns dos principais expedientes metodológicos da fenomenologia, apresento o desenvolvimento de algumas metodologias que se inserem no chamado movimento de naturalização da fenomenologia, a partir do diálogo crescente com as ciências naturais.

2. Metodologias e o Problema da Naturalização da Fenomenologia

Gallagher e Zahavi (2012) apresentaram algumas abordagens metodológicas recentes visando a integração da fenomenologia com as ciências cognitivas, tendo como premissa fundamental a relevância do processo de

¹ Embora essa corroboração alegada seja mais ideal do que historicamente comprovada; Cf.: GALLAGHER & ZAHAVI, 2012, p. 30.

naturalização da fenomenologia. É essencial compreender o significado exato de naturalismo empregado, a partir da distinção entre o domínio do natural como ponto de partida (em vez do sobrenatural) e a orientação cientificista acrítica da ciência natural (ZAHAVI 2009; RATCLIFFE, 2012). Discutir a naturalização da fenomenologia envolve, assim, perguntar se a tradição fenomenológica e sua tendência marcadamente antinaturalista pode estabelecer um diálogo frutífero com as ciências naturais, sem implicar em reducionismo. Naturalizar a fenomenologia implica, assim, o reconhecimento de que sua tarefa não se esgota em uma clarificação filosófica transcendental, mas está também aberta à investigação de fenômenos concretos sendo informada pelo conhecimento científico disponível, tendo em vista uma abordagem mais completa da experiência.² Com esta transformação surge a possibilidade da correção de descrições fenomenológicas, que não mais exibem um caráter definitivo. As descobertas empíricas servem, portanto, de motivação para o refinamento da pesquisa fenomenológica, ao mesmo tempo em esta influencia a descrição científica. É inteiramente adequado, portanto, falar de um “esclarecimento mútuo” entre ciência e fenomenologia (GALLAGHER, 1997). Apresento a seguir as abordagens elencadas por Gallagher e Zahavi para discutir posteriormente uma de suas variações em maior detalhe.

Uma alegação bastante difundida é de que a naturalização da fenomenologia implica fundamentalmente a tradução dos resultados fenomenológicos para a língua franca das ciências, a matemática. Marbach (1993) assumiu que expressões formais são capazes de capturar a experiência vivida descrita pela fenomenologia, desenvolvendo uma notação com base na *Begriffsschrift* de Frege para expressar descobertas fenomenológicas relativas à estrutura formal da experiência (MARBACH, 2010, p. 73). Com isso, seria possível descrever de forma precisa e estável a experiência consciente, facilitar a comunicação das descobertas fenomenológicas e melhorar o acordo intersubjetivo entre pesquisadores. O foco da notação são, assim, os atos mentais pré-linguísticos de representação intuitiva, tais como perceber, recordar, imaginar.³ Através da formalização seria possível integrar com

² Constam como campos promissores e já bastante explorados, por exemplo, os estudos psiquiátricos e neuropatológicos, psicologia do desenvolvimento, neurociência da afetividade, entre outros. Para Zahavi & Gallagher (2012), o engajamento no diálogo com as ciências torna a fenomenologia mais orientada a problemas, em vez da preocupação exagerada com a exegese de textos clássicos. Por outro lado, se estimula também o diálogo crítico não apenas com a ciência, mas com outras tradições filosóficas. Cf.: Smith (2018) para uma aproximação entre fenomenologia e a filosofia da mente contemporânea.

³ Cf.: Marbach, (2010, p. 61-73): Tem-se, assim, com relação à memória, por exemplo, a reprodução da percepção de x que (se acredita) ter ocorrido no passado: “(REP p |-[PER]) | - x ”; Em seguida

sucesso os dados fenomenológicos da consciência aos seus correlatos neuronais, por exemplo.

Roy et al (1999), por sua vez, levaram a sério a objeção de Husserl, segundo a qual a matemática seria incapaz de capturar adequadamente as descrições fenomenológicas. Porém, sustentam os autores, pode-se relativizar essa afirmação, uma vez que diz respeito ao desenvolvimento matemático disponível à época de Husserl. O desenvolvimento da teoria dos sistemas dinâmicos, por exemplo, tornaria esta objeção obsoleta (ROY ET AL., 1999, p.43).⁴ Através do recurso à teoria dos sistemas dinâmicos, seria possível formalizar as estruturas da consciência de maneira adequada à dinâmica da experiência consciente. A ideia é de que uma matemática suficientemente complexa poderia facilitar a tradução de dados do domínio fenomenológico em uma linguagem comum. É importante, por isso, compreender precisamente *o que é* a experiência dinâmica, corporificada e reconhecer a necessidade de uma matematização que capture os matizes desta experiência (ROY ET AL., 1999).

Mais recentemente, Gallagher (2003) propôs uma fenomenologia *front-loaded* visando o desenvolvimento de uma ciência experimental fenomenologicamente esclarecida, na qual a descrição da experiência opera de maneira decisiva no desenho de experimentos. O uso dos resultados fenomenológicos no desenho experimental, no entanto, desafia a assunção acrítica destes dados obtidos *a priori*. O trabalho envolve, antes, o teste destes resultados fenomenológicos e incorpora, de maneira geral, um movimento dialético entre *insights* fenomenológicos e testes empíricos com o propósito de desenhar um experimento particular. Nesta abordagem da fenomenologia *front-loaded* os resultados das análises são usados na orientação do desenho do experimento. Por outro lado, a tarefa da ciência experimental estaria em determinar quais processos físicos geram essas experiências fenomenais e indicar os conjuntos de processos primários básicos correspondentes a

apresentam-se as dependências necessárias de atividades de representação sobre uma apresentação efetivamente desempenhada:

" _____ (REP p | [PER]) | x
(PRE) s";

Ao mesmo tempo em que se representa a unidade no sujeito que desempenha a atividade de representar algo:

"i _____ (REP p | [PER]) | x
(PRE) s".

⁴ A abordagem a partir dos sistemas dinâmicos na ciência cognitiva seria capaz de captar formalmente a natureza temporal da cognição e sua emergência a partir da interação entre cérebro, corpo e mundo. Cf.: Beer (2000).

determinadas descrições fenomenológicas. Nestes casos, a descrição fenomenológica fornece ainda o *framework* interpretativo dos resultados alcançados. Uma série de experimentos já foram desenhados e desempenhados de maneira satisfatória tomando por base distinções fenomenológicas como no caso da distinção entre *self-agency* and *self-ownership*, cujo resultado foi a identificação da presença de mecanismos de controle motor previamente atuantes na experiência do movimento, em vez de áreas relativas a processos cognitivos superiores (GALLAGHER, 2003).

Em seu seminal artigo de 1996, Varela apresentou a *neurofenomenologia* como resposta metodológica ao chamado “problema difícil” da consciência que consistia na oposição entre as descrições físicas do funcionamento cerebral e a experiência fenomenal irreduzível a tais processos (CHALMERS, 1996). O objetivo desse programa de pesquisa consiste, assim, em desenvolver uma ciência da consciência que englobe de maneira mutuamente interativa abordagens relativas aos aspectos funcionais e experienciais dos fenômenos cognitivos. A proposta de uma “circulação” de dados em primeira e terceira pessoa tem em vista o enriquecimento da descrição a partir de *restrições mútuas* (*mutual constraints*), no qual se enfatiza a co-determinação das abordagens tendo em vista uma descrição mais completa do fenômeno em questão (VARELA, 1996, p.343). Responder ao problema difícil, portanto, significa assumir um enfoque disciplinado da experiência humana nas ciências cognitivas, através do treinamento fenomenológico tanto dos sujeitos dos testes quanto dos cientistas cognitivos envolvidos nos experimentos. A sugestão é de que a restrição mútua entre perspectivas conduz a uma síntese da fenomenologia, ciências cognitivas e tradições contemplativas com vistas a elaboração de uma ciência da consciência (VARELA, 1996; VARELA & SCHEAR, 2002). O problema difícil se reformula, assim, como a dificuldade de modificação e estabelecimento de novos métodos de exploração da experiência no interior de práticas científicas instituídas. A prática da neurofenomenologia exige, portanto, levar em consideração um duplo desafio: por um lado, ela exige a reaprendizagem e a maestria na capacidade de descrição da experiência subjetiva e, por outro, a transformação nos estilos e valores da comunidade científica. Esse requerimento implicaria, então, em uma radical mudança metodológica, conceitual, epistemológica, cultural e política no âmbito da prática científica (VALENZUELA-MOGUILLANSKY, VÁSQUEZ-ROSATI & RIEGLER, 2017, p.132). A seguir apresento de maneira mais detalhada a interação entre neurofenomenologia, o estudo científico da experiência e a noção peculiar de cognição emergente a partir dos trabalhos de Varela e outros, o enativismo.

3. Enativismo e Neurofenomenologia

Gallagher (2018) enfatizou a proximidade de temas entre a fenomenologia e o enativismo. Em suas inúmeras variações, as abordagens enativistas enfatizam o papel do corpo na cognição, bem como o vínculo estreito entre percepção e ação, formulado nos termos de uma crítica ao cognitivismo, ao representacionalismo e ao internalismo em ciência cognitiva (GALLAGHER, 2018, p. 1). A ligação íntima com a fenomenologia também se faz explícita através na declaração de Varela, Thompson e Rosch no clássico *The Embodied Mind* (1991): “Gostamos de considerar nossa jornada neste livro como uma *continuação* moderna de um programa de pesquisa fundado há mais de uma geração pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty” (VARELA, THOMPSON & ROSCH, 1991, p.xv, ênfase minha). Também a neurofenomenologia apresentada por Varela funciona como método experimental que explora a tese enativista da continuidade entre mente e vida, na qual a mente compartilha das propriedades organizacionais da vida, dando origem a produção de sentido (*sense-making*) (THOMPSON, 2007, p.128).

Proponente de um tipo de “corporificação radical”, a perspectiva enativista da cognição sustenta a dependência constitutiva desta com relação ao corpo vivo, compreendido enquanto sistema autônomo.⁵ Cognição não se refere mais a uma função de representação do mundo exterior, mas diz respeito ao modo de organização de um organismo para estabelecer a relevância de aspectos do ambiente e a manutenção de uma identidade constante, contra sua desintegração (DI PAOLO & THOMPSON, 2014, p. 43). A cognição básica envolve, assim, acima de tudo, a autorregulação adaptativa em condições precárias e somente se refere a resolução abstrata de problemas de maneira derivada, a partir de uma forma de cognição mais básica entendida em termos de *sense-making*.

Dada a modificação e ampliação no conceito de cognição, a afetividade ganha, assim, um papel fundamental. Neste enquadramento, não apenas o cérebro, mas o organismo como um todo, em sua relação com o ambiente promove (*enacts*) a cognição, que dispõe agora de uma dimensão inerentemente afetiva. A afetividade é entendida como uma capacidade ampla de ser afetado, “tocado” por algo, envolvendo uma “falta de indiferença”, uma sensibilidade ou interesse que envolve tudo aquilo que “importa” a um

⁵ Cf.: DI PAOLO & THOMPSON (2014) para esclarecimento de alguns conceitos centrais do enativismo como corpo, autonomia, *autopoiesis*, adaptatividade e *sense-making*.

determinado agente.⁶ Baseado nessa visão ampliada de cognição enativista, Colombetti (2013) sustenta o alcance reduzido de uma neurofenomenologia focada unicamente em processos cerebrais (COLOMBETTI, 2013, p.142). De um ponto de vista enativista, portanto, faz pouco sentido estipular que a consciência sobrevenha apenas a processos cerebrais, ignorando paralelamente o papel do corpo e sua interação com o ambiente. Deve-se considerar, assim, a integridade do sistema fisiológico que promove (*enacts*) a consciência, e não apenas processos neurais, mas também os sistemas endócrino, imunológico e cardiovascular. A atividade cerebral, neste modelo, fornece apenas um vislumbre da dinâmica do organismo que promove a experiência vivida. No que segue, chamo a atenção para a interação entre neurofenomenologia e o estudo da afetividade, examinando um fenômeno afetivo específico, os sentimentos corporais de fundo, entendidos como o alicerce da intencionalidade em virtude de seu caráter pré-intencional e, por isso mesmo, de difícil descrição (SLABY & STEPHAM, 2008).

4. Sentimentos existenciais, Neurofenomenologia e a questão do acesso

Em sentido fenomenológico, o termo “afetividade” engloba uma multiplicidade de fenômenos unificados pela característica fundamental da não redutibilidade a estados mentais. Esse conceito amplo supõe que a experiência afetiva mais básica deve ser entendida nos termos de um engajamento corporal com o mundo em seus diferentes aspectos. Fuchs (2013), por exemplo, ofereceu uma tentativa de sistematização destes conceitos a partir da distinção entre sentimentos vitais, sentimentos existenciais, atmosferas afetivas, humores e emoções (FUCHS, 2013, p.613). A despeito da enorme literatura sobre afetividade, ainda há indeterminação do espectro de conceitos referente a estes fenômenos. Meu interesse centra-se agora nesta classe de sentimentos corporais de tipo existencial e sua forma de acesso. Em que medida o método interativo da neurofenomenologia pode colaborar com a discriminação conceitual, bem como aprimorar a forma de acesso a estes fenômenos?

Alguns sentimentos corporais não se restringem a sentimentos que têm o corpo como objeto intencional.⁷ Sentimentos corporais são também

⁶ Cf.: COLOMBETTI, 2018, p.574: “(...) *if we take affectivity away from the mind, we do not have a mind any more.*”

⁷ Cf.: COLOMBETTI & RATCLIFFE (2012) estabelecem a distinção entre sentimentos corporais *noematicos* (que tem o corpo, ou partes do corpo como objeto intencional) e *noeticos* (através dos quais objetos e estados de coisas são experienciados).

maneiras, modos de sentir o mundo e perceber suas qualidades afetivas através da forma como o corpo é experienciado. Por outro lado, também o caráter experiencial desses estados deve ser considerado. Diferentemente do mero informe avaliativo da relação entre organismo e ambiente⁸, certos sentimentos corporais estruturam a experiência intencional como um todo, na medida em que os estados intencionais são sempre organizados a partir de um pano de fundo experiencial cuja textura, por sua vez, incorpora sempre um elemento afetivo. Sentimentos corporais não são, portanto, nem estados totalmente privados de intencionalidade, nem estados que tem unicamente o corpo ou parte dele como seu objeto, mas sim, elementos que alicerçam a intencionalidade; objetos, pessoas, eventos e estados de coisa são experienciadas a cada vez *através* destes sentimentos corporais. Sentimentos corporais são *orientações existenciais*, isto é, modos de encontro em um mundo que *operam como um background de toda a experiência, pensamento e atividade* (RATCLIFFE, 2008, p. 37).

Matthew Ratcliffe sugere que certos usos do termo “sentimento” (*feeling*) referem, assim, a uma categoria fenomenológica distinta, que exhibe duas características centrais: primeiro, são sentimentos estritamente *corporais*; segundo, são orientações de fundo, através das quais a experiência se estrutura. Esses sentimentos atuam como o contexto pressuposto de todo direcionamento intencional. A esta dimensão afetiva básica, Ratcliffe dá o nome de *sentimentos existenciais* (*existential feelings*). A diferença entre emoções e sentimentos existenciais reside, assim, na estrutura pré-conceitual, estritamente corporal e constituinte de um senso de realidade, pressupostos, portanto, de toda e qualquer emoção entendida como estado intencional. Em sendo estruturantes da intencionalidade, tais sentimentos são uma constante de nossa vida, embora quase nunca salientes. Um modo de acesso imediato a esses sentimentos pode ser estabelecido através da simples resposta à pergunta: “como você se sente?” (SLABY & STEPHAM, 2008, p, 507). Dada a presença tácita destes sentimentos na experiência comum, certos casos psiquiátricos fornecem o *locus* adequado para a análise, uma vez que nestas patologias se observa uma mudança drástica neste nível afetivo básico. São em casos de alterações psiquiátricas e outros acontecimentos disruptivos da vida humana em que esses sentimentos vêm à tona, precisamente em seu traço alterado.⁹

⁸ Como em William James ou Prinz (2004), mais recentemente.

⁹ Exemplos vão desde alterações provenientes de desordens depressivas, em que o corpo perde sua fluidez habitual e se apresenta como pesado, notável, na forma de um obstáculo à ação, até distúrbios do espectro esquizofrênico e suas experiências de “desincorporação” (*disembodiment*), nos quais os esquemas perceptuais e motores do corpo perdem seu funcionamento natural. Tal modificação no nível

Colocando o problema a partir do enquadramento metodológico analisado até aqui, como estabelecer a interação entre as diferentes perspectivas de análise destes sentimentos? Qual o modo de acesso adequado, em primeira e terceira pessoa, e como gerar *restrições mútuas* ao investigá-los? Ratcliffe apoia a identificação desses sentimentos unicamente a partir de memórias, autobiografias, obras literárias, etc., isto é, modos indiretos de acesso, dependentes dos vieses pessoais daqueles que os descrevem. Ao investigar a transformação desses sentimentos em casos de depressão, por exemplo, Ratcliffe apoia-se na formulação de um questionário *online*. Neste questionário figuram questões como: “descreva suas emoções e humores durante o período em que você esteve deprimido”; “o mundo parecia diferente quando você esteve deprimido? Se sim, como?”; “outras pessoas, incluindo amigos e familiares pareciam diferentes quando você estava deprimido?”; “como você sentia seu corpo quando estava deprimido?” (RATCLIFFE, 2015, p. 283-297). Por outro lado, em fornecendo a estrutura da natureza corporal dos sentimentos existenciais, Ratcliffe não se compromete com qualquer abordagem dos correlatos corporais específicos destes sentimentos, isto é, não reconhece a legitimidade de uma abordagem em terceira pessoa (SAARINEN, 2018, p.18).

Minha sugestão é de que existem métodos de acesso mais informativos e controlados, menos sujeitos a falhas e alterações, como no caso de questionários¹⁰ e autobiografias.¹¹ De acordo com a perspectiva apresentada por Colombetti (2013), o estudo da afetividade poderia ser melhor informado ao operacionalizar a hipótese neurofenomenológica de restrição mútua entre dados em primeira e terceira pessoa. Igualmente, a integração desses métodos forneceria uma forma de estender a neurofenomenologia para o resto do organismo, não mais confinada ao cérebro, transformando-se em *neuro-fisio-fenomenologia* e preservando a tese enativista da indissociação entre cognição e afetividade (COLOMBETTI, 2013, p. 148). É possível, portanto,

fundamental dos sentimentos corporais acarreta, inevitavelmente, alterações da relação intencional do indivíduo enfermo. Cf.: RATCLIFFE (2008); FUCHS & SCHLIMME (2009).

¹⁰ COLOMBETTI (2013, p. 144-146) fornece uma crítica da abordagem a partir de questionários, tipicamente aplicados ao final da situação experimental, principalmente como forma de controle. Geralmente pede-se que a emoção seja avaliada de acordo com escalas numéricas, geralmente tomadas de empréstimo de estudos prévios e questionários padrão, que refletem assunções teóricas sobre a natureza da experiência da emoção. Retira-se, assim, a possibilidade de que os sujeitos descrevam seus sentimentos com suas próprias palavras e não permite aos pesquisadores explorar as dimensões dos afetos, reduzindo a experiência da emoção a um fenômeno estático.

¹¹ O próprio Ratcliffe reconhece as deficiências do uso de questionários, na medida em que estes apresentam limitações muito gerais comparados, por exemplo, a uma entrevista bem conduzida, que apresenta menores chances de vagueza e ambiguidade. Cf.: RATCLIFFE, 2015, p.30.

encontrar métodos confiáveis responsáveis por essa integração entre dados de diferentes perspectivas?

Apresento rapidamente os passos propostos por Colombetti. Os métodos em primeira pessoa envolvem a prática da auto-observação atenta e direcionada para a própria experiência afetiva. O tipo de *auto-observação* advogado deve repousar sobre uma posição *passivo-observacional* em direção a sua vida mental, isto é, uma atenção *aberta e receptiva*, bastante próxima de diversas técnicas meditativas orientais que recomendam o cultivo de uma atitude mental de “tomar nota” dos próprios estados mentais sem julgar ou rejeitar a experiência (COLOMBETTI, 2013, p. 149; Cf. também VARELA & SCHEAR, 2002). Já os métodos em *segunda pessoa* promovem a validação intersubjetiva e envolvem, assim, a interação entre dois ou mais indivíduos, a partir de métodos qualitativos como entrevistas semiestruturadas com questões abertas de modo a complementar e refinar as auto-observações.¹² Os métodos em *terceira pessoa* são bastante amplos e variados. A neurociência dispõe de uma série de expedientes para registrar a atividade neural e corporal que podem ser usados nos estudos neuro-fisio-fenomenológicos. Segundo Colombetti, embora informativos, a fMRI (imagem por ressonância magnética funcional) e PET (tomografia computadorizada por emissão de pósitrons) negligenciam a dinâmica temporal da emoção e tendem a promover a perspectiva de que diferentes emoções devem ser localizadas em áreas cerebrais específicas. Já a EEG (eletroencefalografia) e MEG (magnetoencefalografia) têm se mostrado relevantes para a investigação da afetividade, com a vantagem de que capturam o desdobramento temporal da emoção. Além disso, os dados podem ser coletados através da medição da atividade corporal, tensão muscular e atividade do sistema nervoso autônomo (COLOMBETTI, 2013, p. 158). Com base nessa proposta de interação, é necessário investigar se experiências afetivas em diversos níveis, tais como aquelas delimitados por Fuchs (2013), por exemplo, podem ser discriminadas por métodos em primeira ou segunda pessoa acompanhados, por sua vez, por diferentes padrões de atividade cerebral, corporal, etc.

Recentemente, Depraz & Desmidt (2018) apresentaram um modelo de refinamento e concretização do programa neurofenomenológico, a

¹² FINLAY (2009) apresentou algumas dificuldades do método fenomenológico na prática da pesquisa qualitativa através de seis questões: 1. Deve-se definir com rigor ou frouxidão o que conta como fenomenologia?; 2. O objetivo é produzir uma descrição (normativa) do fenômeno ou uma análise individual?; 3. Até que ponto a interpretação deve estar envolvida na descrição?; 4. Como alocar a questão da subjetividade do pesquisador?; 5. Qual a relação da fenomenologia entre ciência e arte?; 6. A fenomenologia é um projeto modernista ou pós-modernista?

cardiofenomenologia. Este programa de pesquisa situa o paradigma neurofenomenológico no nível cardiovascular, fornecendo um nível de observação mais adequado do que medidas neuronais, por exemplo, no qual descrições em primeira e terceira pessoa compartilham a mesma escala temporal. Neste modelo, o elemento experiencial fundamental parte da simples constatação de que sentimos nosso coração bater, mas não nossos neurônios dispararem. O modelo cardiovascular permitiria, assim, a integração de dados cardiovasculares em terceira pessoa e dados emocionais em primeira pessoa, apresentados como dois aspectos de um *continuum* pré-consciente fisiológico e experiencial, orgânico e vivido.

A proposta consiste, assim, em refinar a neurofenomenologia em ao menos duas frentes. A primeira diz respeito às modificações necessárias nas descrições fenomenológico-experienciais, na medida em que a abordagem em primeira pessoa deve fazer referência a uma experiência singular e não mais a análises genéricas de estruturas *a priori*, tal como opera a fenomenologia clássica (DEPRAZ & DESMIDT, 2018). Como modo de restringir a abordagem genérica emprega-se a entrevista *microfenomenológica* cuja operação demonstra a viabilidade do estudo da experiência em primeira pessoa, guiando o entrevistado a evocar uma experiência específica, sem qualquer recurso à descrição da experiência em geral, ou de forma despersonalizada (PETITMENGIN, 2006). Da mesma forma, evita-se a descrição de crenças, juízos e preconceitos teóricos sobre a experiência, focando exclusivamente na experiência em questão.¹³ Por outro lado, a entrevista permite também a identificação de invariantes e regularidades em grupos. A segunda refere-se à ciência empírica, cujo foco centra-se agora na escala de mensuração cardíaca, e não mais em processos neurodinâmicos, subpessoais, que operam abaixo do limiar perceptivo. De um ponto de vista enativista, a cardiofenomenologia sustenta a possibilidade de ampliação do sistema cognitivo também para o nível cardíaco, implementando a correlação entre este e a experiência emocional.¹⁴ É possível, portanto, a partir do desenvolvimento e implementação de modelos de pesquisa que operam a restrição mútua entre descrições fornecer um acesso diferenciado às camadas mais básicas da afetividade e da experiência, tal como aquela descrita pelos sentimentos existenciais.

¹³ Esta, inclusive, pode ser apresentada como uma crítica ao procedimento adotado por Ratcliffe ao apelar para memórias, descrições médicas e questionários, por exemplo.

¹⁴ Ainda, segundo os autores, essa ampliação do sistema cognitivo permitiria desfazer os vestígios da dicotomia mente/cérebro e colaborar com a diminuição da descontinuidade entre os níveis fenomenal e biológico.

Conclusão

Procurei apresentar neste trabalho as linhas gerais do projeto de naturalização da fenomenologia cujo vínculo com as práticas científicas vem apresentando um ganho significativo em áreas como as ciências cognitivas, a psicologia e a psiquiatria. Num primeiro momento busquei apresentar as características gerais do método fenomenológico em sua formulação clássica. Essa apresentação me permitiu, em seguida, caracterizar as propostas recentes de naturalização da fenomenologia a partir de algumas metodologias específicas. Dentre essas metodologias, dediquei atenção especial à neurofenomenologia, cuja interação com as ciências naturais, em especial com as ciências cognitivas, demanda uma relação metodológica de mútua implicação entre experimentação científica e descrição da experiência. Esta caracterização do projeto neurofenomenológico me permitiu ainda apresentar a questão central do acesso a um tipo de experiência afetiva muito básica, os sentimentos existenciais, que no caso das experiências psiquiátricas se mostra de maneira evidente. Com isso foi possível avaliar alguns métodos recentes de abordagem e estratégias de integração entre instâncias descritivas em primeira, segunda e terceira pessoa.

Ainda a título de conclusão, gostaria de colocar algumas questões para desenvolvimento futuro. Com relação à descrição em primeira pessoa, em que medida a entrevista microfenomenológica pode ser aqui implementada? Que tipo de questionamento pode ser formulado a fim de que se atinja o nível existencial dos sentimentos corporais? Qual o papel desempenhado pela entrevista com pacientes psiquiátricos? Por outro lado, caso se assuma a premissa neuro-fisio-fenomenológica, também o suporte físico dessas experiências deve ser considerado através de descrições em terceira pessoa. Colombetti (2017) avançou na consideração do caráter essencialmente corporal e situado dos sentimentos e humores. Segundo a autora, dois passos seriam ainda necessários para romper com a concepção dos sentimentos como instâncias de estados cerebrais. O primeiro passo envolve a consideração de resultados empíricos que fornecem evidências de uma base física não restrita ao cérebro, através da atenção a outras partes do corpo responsáveis pelos sentimentos. Sugere-se que o cérebro deve ser considerado condição necessária, mas não suficiente da vida afetiva humana. Colombetti apresenta estudos que demonstram a atividade cerebral ligada a hormônios produzidos pelas glândulas endócrinas, situadas, além do cérebro, nos rins, testículos e ovários. Outro dado relevante, com relação aos neurotransmissores, indica que

95% da serotonina é sintetizada no trato gastrointestinal e uma parte considerável da dopamina presente no cérebro é produzida no intestino. Estes indícios parecem fornecer razões para a não restrição da base física dos humores e sentimentos ao cérebro, unicamente (COLOMBETTI, 2017, p.1439). O segundo e mais ousado passo diz respeito à consideração da dependência dos sentimentos ao ambiente. Sustenta-se que a gênese e manutenção de toda a esfera afetiva não seria restrita ao organismo, envolvendo assim grandes porções da vida social e cultural. A ideia oriunda dos estudos de psicologia cultural sugere que o ambiente não produz apenas estímulos, mas também valores culturais, normas e regras de comportamento que acabam por moldar os sentimentos em vários níveis. Essa consideração sugere que humores e sentimentos são inerentemente interrelacionados com aspectos do ambiente e sujeitos à influência cultural. Neste caso, os assim chamados “afetos ideais” de uma determinada cultura estão diretamente correlacionados com o humor dos indivíduos desta cultura, moldando, da mesma forma, a possível reação à decepção. Também a noção de estruturação ambiental (*environmental scaffolding*), advinda da ciência cognitiva, sugere a ideia de que humanos desempenham práticas de estruturação do ambiente e construção de ferramentas com o objetivo de moldar o humor, produzindo os chamados “nichos afetivos” (*affective niches*) (COLOMBETTI, 2017, p.1444). A consideração dos sentimentos existenciais feita até aqui permite avaliar que o conceito ainda não avançou na consideração destes elementos, sendo necessário, portanto, uma elucidação da relação entre os sentimentos, o corpo e o papel do ambiente desempenhado nas diversas formas de regulação dos sentimentos, bem como a consideração de um modo de acesso mais controlado à experiência destes em primeira pessoa.

Referências

- BEER, R.D. “Dynamical approaches to cognitive science”. In: *Trends in Cognitive Science*, 2000.
- COLOMBETTI, G. & RATCLIFFE, M. “Bodily feeling in depersonalization: A phenomenological account”. In: *Emotion Review*, 4(2), 2012, p.145–150.
- COLOMBETTI, G. “Enacting affectivity”. In: De Bruin, Gallagher & Newen (eds.) *The Oxford Handbook of 4E Cognition*. Oxford University Press, 2018.
- _____. *The Feeling Body: Affective Science Meets The Enactive Mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 2014;

_____. “The Embodied and Situated Nature of Moods”. In: *Philosophia*, 45:1437–1451, 2017.

DEPRAZ & DESMIDT. “Cardiophenomenology: a refinement of neurophenomenology”. In: *Phenom Cogn Sci* (2019) 18: 493. <https://doi.org/10.1007/s11097-018-9590-y>.

DI PAOLO, E.A. AND THOMPSON, E. “The enactive approach”. In: L.A. Shapiro (ed.), *The Routledge handbook of embodied cognition*. Oxford, UK: Routledge, p. 69-77, 2014.

FUCHS, T. “The Phenomenology of Affectivity”. In: Fulford, Davies, Gipps, Graham, Sadler, Stanghellini & Thornton (eds.). *The Oxford Handbook of Philosophy and Psychiatry*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FUCHS, T & SCHLIMME, J. E. “Embodiment and psychopathology: a phenomenological perspective”. In: *Current Opinion in Psychiatry*. 22, 2009, p.570–575.

GALLAGHER, S. & ZAHAVI, D. *The Phenomenological Mind*. Routledge, 2012.

GALLAGHER, S. “Phenomenology and Experimental Design Toward a Phenomenologically Enlightened Experimental Science”. In: *Journal of Consciousness Studies*; 10(9-10):85-99, 2002.

_____. A well-trodden path: From phenomenology to enactivism, 2018.

FINLAY, L. “Debating Phenomenological Research Methods”. In: *Phenomenology & Practice*, Volume 3 (2009), No. 1, p. 6-25.

MARBACH, E. “Towards a Formalism for Expressing Structures of Consciousness”. In: Schmicking, D., Gallagher, S. (Eds.) *Handbook of Phenomenology and Cognitive Science*, Springer, 2010.

PETTMENGIN, C. “Describing one’s subjective experience in the second person: An interview method for the science of consciousness”. In: *Phenom Cogn Sci* (2006) 5:229–269; DOI 10.1007/s11097-006-9022-2.

RATCLIFFE, M. “Heidegger’s Attunement and the Neuropsychology of Emotion”. In: *Phenomenology and the Cognitive Sciences* 1 (3), 2002, p.287-312.

_____. *Feelings of Being: Phenomenology, Psychiatry and the Sense of Reality*. Oxford: Oxford University Press, 2008;

_____. “Existential Feeling and Psychopathology”. In: *Philosophy, Psychiatry, and Psychology*, 16 (2), 2009, p.179-194.

_____. “Phenomenology, Naturalism and the Sense of Reality”. In: *Royal Institute of Philosophy Supplement*. 72: 2013, p.67-88.

_____. *Experiences of depression: A Study in Phenomenology*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

- ROY ET AL. *Naturalizing Phenomenology, Issues in Contemporary Phenomenology and Cognitive Science*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999.
- SAARINEN, J. “A critical examination of existential feeling”. In: *Phenomenology and the Cognitive Sciences*. Volume 17, p. 363-374, 2018.
- SLABY, J. & STEPHAN, A. “Affective intentionality and self-consciousness”. In: *Consciousness and Cognition*, 17, 2008, p.506-513.
- SMITH, D. W., “Phenomenology”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/phenomenology/>>;
- VARELA, F., THOMPSON, E., AND ROSCH, E. *The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- VARELA, F. “Neurophenomenology: A methodological remedy to the hard problem”. In: *Journal of Consciousness Studies*, 3, p. 330-50, 1996.
- VARELA & SCHEAR. *The View from Within: First-person Approaches to the Study of Consciousness*, Imprint Academic, 1999.
- VALENZUELA-MOGUILLANSKY, VÁSQUEZ-ROSATI & RIEGLER. “Building a Science of Experience: Neurophenomenology and Related Disciplines”. In: *Constructivist Foundations* 12(2):131-138, 2017.
- ZAHAVI, D. “Phenomenology and the project of naturalization”. In: *Phenomenology and the Cognitive Sciences* 3: 2004, p.331-347.
- _____. “Naturalized phenomenology”. In: S. Gallagher & D. Schmicking (eds.), *Handbook of Phenomenology and Cognitive Science*. Springer, 2009.

Email: marcelovieiralopes16@gmail.com

Recebido: 10/2019

Aprovado: 02/2021